

## COMITIVA DO SERTAO DAS GERAIS

Eu havia visto nos jornais reportagens sobre esse assunto:

<http://comitivadosertaodasgerais.com.br/?p=49> .

Nem associei o período em que ocorreria a viagem dos boiadeiros ao da minha estada em Sete Lagoas e arredores (Jequitibá, Pirapama etc.).

A chegada da comitiva estando prestes a acontecer, uma irmã e eu começamos vagamente a cogitar de ir a Cordisburgo. Se fôssemos ao menos um pouquinho parecidas com nossa saudosa irmã Zila, já estaríamos lá, quiçá teríamos feito parte de toda a movimentação. Mas nós, as duas *ladies* urbanas de mais de 65 anos, objetávamos: “Ah, será que dá pra ir?” “Ah, eu não quero voltar à BR-040.” “Hum, da última vez que fui lá por essa estrada, uma ponte tinha caído.” “Será que P.H. (nosso sobrinho) pode nos levar lá?”. E foi P.H. quem equacionou o problema: “Vocês peguem um táxi aí em Jequitibá, mas com um desses motoristas mais experientes: Zé Goela, Tebinha, Dirceu de Vitinho...” (não parece escalação de time de futebol?). Com Tebinha ao volante, partimos por estradas desconhecidas, de chão batido, poeira e alguns desacertos.

Tudo compensou. Postadas em frente ao Museu Casa de Guimarães Rosa, vimos chegar à cidade a comitiva, que tinha saído de Três Marias uns dez dias antes, com o mesmo número de boiadeiros e reses da tropa de 1952, da qual Guimarães Rosa fez parte.



A comitiva aponta no fim da rua. A população aguarda ansiosa.



À frente e ao centro, carregando a bandeira, Francisco Guimarães Moreira Filho, o Crioulo, o capataz desta comitiva de 2007. Em 1952, ele, com 17 anos, era o mais novo da turma.



O menino de 10 anos, filho do atual dono da fazenda de onde partiu a comitiva, deveria participar do evento por três dias, mas veio até o fim.



O boiadeiro faz pose e soa o berrante para a fotógrafa, que chora e fotografa, fotografa e chora...





E foi sob o mais comovente silêncio que passaram a tropilha e a boiada, como se soubessem o significado do que ocorria.



Com viola e sanfona, o desfile se encerra.

## MUSEU CASA DE GUIMARÃES ROSA

Enquanto a comitiva seguia, entramos no Museu, para respirar e baixar a emoção. Uma guia-contadora de histórias, uma miguilim, nos acompanha. Em cada cômodo, além das informações sobre características da construção ou dos objetos, a menina nos presenteia com um pequeno texto de Guimarães Rosa, perfeitamente encaixado em cada situação.



A miguilim Ana Luisa enriquece a visita.

Uma das salas do museu é dedicada à reprodução da reportagem de O CRUZEIRO sobre a comitiva de 1952.



Na foto da esquerda, Guimarães Rosa no meio dos vaqueiros. Na foto da direita, o Crioulo, então com 17 anos.



A contadora de histórias Dôra Guimarães, do grupo Tudo Era uma Vez <http://www.tudoeraumavez.com.br/serv01.htm> , preparando e ensaiando novos miguilins.